

COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

A VACINA CHEGOU PELO SERTÃO?: ANÁLISE DE COMO OS PORTAIS RIACHAONET E BOLETIM DO SERTÃO ATUARAM NA CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIAS SOBRE AS PRIMEIRAS DOSES DE VACINAS CONTRA A COVID- 19

Iaquelly de Sousa¹; iaquellysousa@aluno.uespi.br
Thamyres Sousa de Oliveira²; thamyressousa@pcs.uespi.br

RESUMO

Este trabalho aborda o papel do jornalismo, enquanto lugar de memória e como o jornalismo constrói memórias no âmbito social, principalmente em períodos de grande desinformação, como foi no início da pandemia do novo coronavírus em 2020, e na chegada das primeiras doses da vacina no estado do Piauí, particularmente, no município de Picos. A análise para a problematização se deu através das matérias selecionadas da primeira semana de vacinação publicadas pelos dois portais regionais, “Riachaonet” e “Boletim do Sertão”. Por meio da análise de conteúdo, percebemos que, nos dois primeiros dias de pesquisa, nenhum dos dois portais tratou especificamente da vacinação contra a covid-19 ou do próprio coronavírus, além de que entre as fontes utilizadas percebemos a institucional, o que promove a construção da memória lacunar e uma visão que muitas vezes não condiz com a realidade ou está pautada apenas em uma memória organizacional.

PALAVRAS-CHAVE

Coronavírus; Lugar de Memória; RiachaoNet; Boletim do Sertão.

1. INTRODUÇÃO

Em meio à pandemia da Covid 19, onde as pessoas são orientadas a permanecer em suas casas, o jornalismo vem se portando como um dos lugares de memória servindo como fonte de informação e de defesa da saúde pública. Com a orientação de não se aglomerar, vacinar- se e não fazer uso de remédios sem orientação médica foi assim que o jornalismo, por meio dos profissionais que o fazem, disponibilizou o acesso a informações e viabilizou o cuidado sobre a pandemia. Em meio a essa conjuntura de mortes, elevado número de contaminação, tentativas de isolamento social, crise

¹ Estudante de jornalismo da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). E-mail: iaquellysousa@aluno.uespi.br

² Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI); Professora Efetiva da Universidade Estadual do Piauí (UESPI); supervisora da Liga Acadêmica Joeme e Orientadora do PIBIC supracitado. E-mail: thamyressousa@pcs.uespi.br



REALIZAÇÃO



APOIO



política entre outras, a espera pelo desenvolvimento de um imunizante para a Covid 19 foi constante e mobilizou laboratórios em todo o mundo.

Os pesquisadores tinham como missão desenvolver uma vacina com rapidez e atestar sua eficácia e segurança, enquanto, antes mesmo da apresentação, já nos deparamos com *fake news* que incentivaram a população a não se vacinar, nem atribuir credibilidade aos estudos e testes feitos. Imunizantes da *Pfizer*, *AstraZeneca/Oxford* e a *CoronaVac* (resultado de parceria entre o Instituto Butantan Brasil e a fabricante chinesa de medicamentos *Sinovac Biotech*) foram aprovados pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e já estão sendo aplicados na população brasileira. No Brasil, na cidade de Picos, segundo o portal RiachaoNet em publicação, as primeiras doses da vacina contra a Covid 19 chegaram no dia 19 de janeiro de 2021, mas as doses só começaram a ser aplicadas em 21 de janeiro de 2021. Em meio a essa situação que sugere distanciamento, tem sido por meio do jornalismo que muitos de nós temos acesso a essas informações diariamente.

Em virtude disto, este trabalho tem como objetivo geral analisar como os portais RiachaoNet e Boletim do Sertão atuaram na construção de memórias sobre as primeiras doses de vacinas contra a Covid 19, no período de 19 a 26 de fevereiro de 2021, em Picos, semana em que está situada a primeira chegada de vacinas na cidade. Entre nossos objetivos, buscamos mapear as matérias jornalísticas divulgadas sobre o tema no referido período de estudo identificando se se elas demonstravam ou não uma preocupação com a vacinação local, percebemos também se as matérias eram de autoria própria ou apenas a reprodução de outros veículos jornalísticos e assessorias e também buscamos identificar quais fontes foram utilizadas pelas matérias jornalísticas sobre coronavírus e como elas ajudaram a compor o imaginário simbólico coletivo.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental e a técnica de análise utilizada foi a análise de conteúdo

Inicialmente, o trabalho apresenta o conceito de memória e como o jornalismo pode ser considerado um lugar de certa memória para a coletividade. Posteriormente, discutimos as relações entre a pandemia da Covid- 19, o universo jornalístico e a importância do jornalismo na cobertura sobre a Covid -19. Por fim, desenvolvemos o processo analítico em que buscamos como os portais RiachaoNet e Boletim do Sertão



REALIZAÇÃO



APOIO



atuaram na construção de memórias sobre as primeiras doses de vacinas contra a Covid 19, no período de 19 a 26 de fevereiro de 2021, em Picos.

2. A MEMÓRIA E O JORNALISMO COMO UM LUGAR DE MEMÓRIA.

Esse texto apresenta os resultados preliminares de uma pesquisa em andamento sobre jornalismo, saúde e memória e propõe o esquadramento das interfaces destes três assuntos distintos que se relacionam na sociedade contemporânea. Para tanto, daremos início promovendo uma breve reflexão sobre o pensamento do historiador francês Pierre Nora (1993) a respeito da memória, principalmente o que ele entende por lugar de memória, relacionando seu pensamento com o sociólogo Maurice Halbwachs (1990) a respeito da memória coletiva atualizada.

Ressaltamos que o debate não será centralizado somente nos autores citados, anteriormente, mas na tentativa de entender o papel do jornalismo, enquanto lugar de memória e como o jornalismo constrói memórias no âmbito social, principalmente em períodos de grande desinformação, como foi no início da pandemia do novo coronavírus em 2020 e a chegada das primeiras doses da vacina no estado do Piauí, particularmente, no município de Picos.

O jornalismo é considerado a esfera em que a sociedade deposita sua credibilidade para se informar sobre o que acontece ao seu redor e com esse poder de produzir e divulgar informações que ocorrem, diariamente, ele acaba por obter também o poder de produzir vestígios construindo memórias através de imagens, matérias, reportagens e etc. (FERREIRA, 2016).

Se por um lado o jornalismo foi considerado por muitas pessoas, durante muito tempo, como um local de informações seguras, esses últimos anos mostram que o jornalismo brasileiro se encontra em “xeque” junto ao seu público. O Governo é visto como um dos potenciais incitadores do ódio contra os profissionais de comunicação, e, frequentemente, divulga *fake-news* que ferem inclusive direitos previstos na constituição, como é o caso do direito à vida.

Nesse ano de pandemia, o próprio presidente da república Jair Messias Bolsonaro desencorajou a população a se vacinar e, inclusive, associou as vacinas contra a Covid-19 à HIV (*Human immunodeficiency vírus*), uma doença sexualmente



REALIZAÇÃO



APOIO



transmissível. O fato se deu em uma *live* na rede social *Facebook*, que logo foi removida, pois se trata de um conteúdo falso.

Sendo assim, percebemos que o material jornalístico transcende sua existência material, ou seja, podemos considerar o jornalismo como um lugar de memórias. É por meio dele que conseguimos informações sobre o cotidiano de lugares que, muitas vezes, não estivemos. Embora não seja essa sua função primordial, ele se torna um acervo, um lugar para o qual podemos retornar por curiosidade, para conhecer. Para chegar a essa compreensão, embasamos a nossa discussão, inicialmente, no francês Pierre Nora (1993).

Nas palavras de Nora (1993), estaríamos vivendo uma constante aceleração da história produzindo um passado morto cada vez mais rápido, enquanto a nossa percepção geral de algo está por consequência desaparecendo. A massificação e, principalmente, a midiaticização, segundo o autor, vêm causando o desmoronamento da memória. Com o fim das sociedades-memórias, que antes asseguravam a conservação e transmissão de valores, acaba então a garantia de passagem regular do passado ao futuro e também o senso crítico do que se deveria guardar do passado para preparar um futuro.

Quanto ao desmoronamento das memórias, nossas sociedades necessitam ter seus lugares de memórias. Incluímos aqui o jornalismo como um lugar de memória, como já dizia Rêgo (2012). Além de informar sendo local de memória, o jornalismo também educa, conscientizando a população e esclarecendo dúvidas sobre várias questões necessárias, entre elas a saúde.

Quando refletimos sobre nosso ano atual momento podemos nos indagar sobre os fatos que ocorreram nesse ano de quarentena mundial; será que as futuras gerações irão entender tudo que se passou na esfera da saúde? **Creio que não, e, ainda mais, imagino quais serão os produtos gerados pela mídia que irão ser utilizados, posteriormente. Neste período em que as pessoas estiveram em suas casas, houve tantas informações em vários veículos jornalísticos e ao mesmo tempo informação nenhuma, por não conseguirmos acompanhar o que elas querem transmitir.** A afirmação anterior nos faz retomar que vivemos como disse Nora (1993), produzindo



REALIZAÇÃO



APOIO



um passado morto mais rápido e, por consequência, um futuro vazio de informação, porque não saberemos explicar.

E quando focamos na esfera da saúde isso é ainda mais preocupante, pois se houve tantos arquivos o que acontecerá se as sociedades de memórias não existirem ou existirem, mas com os valores destas foram deturpados, como será o futuro das informações? Ou como serão feitas as campanhas de vacinação? ou de apoio às pesquisas científicas? Com a efervescência das redes sociais digitais, podem ser fundamentadas em *fake news* que algum membro da família leu, postou nos grupos em que está inserido e esta informação sobre a vacina foi passada para a nova geração.

Para o autor, os lugares de memória nascem e vivem, portanto, do sentimento de que não há memória natural, mas de que é preciso criar arquivos físicos: “Se o que defendem não estivesse ameaçado, não se teria a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que nos envolvem, seriam inúteis” (NORA, 1993, p 13).

Embora Nora (1993) não o tenha mencionado, como ele o fez com “museus, arquivos, cemitérios, tratados, processos verbais, monumentos, santuários e etc”, assumimos a premissa de que o jornalismo pode ser considerado como um lugar de certas memórias. Quando na concepção do autor ele nos explica que lugares de memória têm necessariamente três sentidos: o material, o funcional e simbólico, ambos em graus diferentes.

O jornalismo engloba esses três sentidos, pois ele se torna um material, podendo ser físico, audiovisual, ou apenas audível, funcional sendo útil, pois as pessoas se informam por meio dele e, nesse período pandêmico, podemos perceber o quão útil foi jornalismo para encorajar as pessoas a tomar medidas protetivas e se vacinar contra o vírus da Covid-19, e por fim simbólico, uma vez que o jornalismo é símbolo de credibilidade e de verdade, um exemplo é que em algumas cidades as pessoas só acreditam em algo, quando é noticiado em um jornal televisivo ou em algum jornal em rádio.

Partindo para o princípio da memória, o sociólogo Maurice Halbwachs (1990) entende que, a memória individual que seria a memória do sujeito é apoiada em uma memória coletiva. Para ele, com o objetivo de completar alguma lacuna que falta em



REALIZAÇÃO



APOIO



nossa memória ou apenas para fortalecer o que sabemos de um evento específico que vivemos, nos apropriamos de memórias de terceiros para embasar e ratificar a nossa memória individual. O autor nos explica que buscamos testemunhos de terceiros para fortalecer nossa memória ou enfraquecê-la, mas também para completar o que já sabemos de um evento, de alguma forma, embora muitas circunstâncias permaneçam obscuras (HALBWACHS 1990).

Diante disso podemos considerar que o jornalismo faz esse papel, hoje, de certo modo, ao mapear os dados, por exemplos dos casos de covid do município informando a população sobre a situação sendo enfrentada e quando aponta as medidas que estão sendo adotadas pelos órgãos de vigilância em saúde e orienta sobre o que pode e o que não pode se fazer em relação à transmissão do vírus. A partir dessa cobertura feita, o jornalismo se torna um construtor e fortalecedor de memória sobre a pandemia.

2.2 EU LEMBRO QUE DE REPENTE O MUNDO PAROU: A PANDEMIA DA COVID 19 E O TRABALHO JORNALÍSTICO

A pandemia da Covid-19 chegou e com ela o retrato desesperador da saúde pública, principalmente no Brasil, foi deixada em evidência, com a escassez de recursos, leitos e até profissionais da saúde. Além disso, outro ponto que foi muito importante nesse período foi e é a atuação jornalística.

No meio de uma avalanche de informações, o coronavírus incitou o jornalismo a assumir outra responsabilidade: de aquele que dá visibilidade a acontecimentos, ele passou a ser chegador de incertezas, pois ao longo da pandemia vem surgindo tantas *fake-news* que virou regra colocar a frase “ Não há comprovação científica” para que as pessoas não tomem tal discurso como verdade absoluta colocando sua vida em risco, por exemplo consumindo medicamentos que não indicados pelo Ministério da Saúde em casos de Covid.

E foi por adotar essa postura de preocupação em não deixar nenhum fato vir à tona sem ser checado que o jornalismo de qualidade acabou recebendo apoio e elogios da opinião pública, recuperando a credibilidade ao qual vem sendo colocada em dúvida nos últimos anos.



REALIZAÇÃO



APOIO



Segundo Coutinho (2004, p.15), essa confiabilidade ou credibilidade vem resguardando os meios jornalísticos, pois a grande maioria da população considera que os jornais descrevem o que de fato está acontecendo e isso faz com que seja atribuído ao seu conteúdo um status de verdadeiro. Essa percepção da sociedade sobre a credibilidade do jornalismo é uma questão essencial para a vida em sociedade, pois o ato de informar também pode ser entendido como ato de resistência, como ocorreu durante o Estado Novo de Vargas, quando protestos e informações eram disponibilizados de maneira sutil e disfarçada.

Então, o fato de resistir e noticiar dando ao povo conhecimento atribui ao jornalismo uma posição de confiança, pois mesmo quando ele é impossibilitado, ainda assim cumpre sua missão social e transmite seu relato. E, apesar de não haver uma definição exata no campo filosófico para credibilidade, ela é entendida como um predicado epistêmico das fontes e de seus relatos, atrelando ao jornalismo a ideia de segurança e confiança para se informar. (LISBOA, 2012).

O seu conceito está profundamente associado ao de confiança, e seu significado mais usual é o de confiabilidade. Entendemos então que a credibilidade está atrelada à confiança e é essa confiança que o jornalismo transmite à sociedade que muitos governos pretendem abalar ou utilizar-se dela para dar visibilidade às suas ações.

A pandemia da Covid-19 promoveu uma comoção mundial com a perda de milhares de pessoas ao redor do mundo e coube ao jornalismo dar essa notícia. Além de informar, ele também educou e carregou consigo a responsabilidade de instaurar o sentimento de cobrança social, fazendo com que a coletividade se preocupasse em tomar as medidas básicas determinadas pelos órgãos de saúde pública e que cobrasse quando essas medidas não estivessem sendo obedecidas.

A pandemia só reforça que o jornalismo de qualidade não acaba e pode sim salvar muitas vidas, um exemplo desse papel social é que enquanto a maior parte das pessoas precisaram se manter em casa para estarem seguros do Coronavírus, os jornalistas, assim como os demais profissionais de serviços essenciais, foram às ruas para manter a sociedade informada sobre a pandemia.

E não basta haver o jornalismo, mas sim o bom jornalismo, aquele que segundo Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2003), carrega consigo também a responsabilidade



REALIZAÇÃO



APOIO



social, tendo como princípio a verdade, não mascarando e sim expondo mesmo que seja atacado por isso. Isto foi e é o que o jornalismo ainda faz nesta pandemia. O jornalismo atua fazendo notas, desmitificando falas dos próprios representantes da saúde, inclusive até do próprio presidente da república. Quando o jornalista deixa de seguir esses preceitos na sua atuação, os autores afirmam que eles abandonam o jornalismo.

Sem o jornalismo nesse período, as *fakes news*, que foram, incansavelmente, combatidas teriam sido colocadas à mesa e muitas pessoas poderiam ter morrido, automedicando - se com substâncias sem comprovação científica alguma ou não tomando a vacina que, muitas vezes, têm sua eficácia colocada em xeque. É o jornalismo que dá voz à ciência e que traz profissionais especializados na área que indicam como adotar as melhores medidas de cuidado.

Exemplificando essa fala o portal de notícias jornalísticas CNN trouxe em matéria a fala de diversos especialistas alertando que o uso de Hidroxicloroquina medicamento indicado pelo presidente Bolsonaro em uma transmissão através de suas redes sociais no dia 10 de dezembro de 2020 quando o mesmo disse “Tem que se evitar o entubamento da pessoa. E como se evita? Numa primeira fase, é a tal da hidroxicloroquina, inermictina, annita, vitamina D, entre outras coisas. Quando o médico fala que não, você tem o direito de procurar outro. E ponto final”. E hoje sabemos que o medicamento não possui eficácia contra a doença e que ao contrário do que o presidente prega pode até causar efeitos adversos.

Nesta pandemia, o jornalismo se colocou em risco e se readaptou a uma realidade que jamais foi vivida. De casa, jornalistas faziam/fazem *lives* e matérias jornalísticas que informaram/informam a população. Como foi o exemplo da jornalista Michelle Loreto, a qual utilizou e ainda utiliza sua rede social Instagram em *lives* com especialistas, para tirar as principais dúvidas sobre a doença e tudo envolvendo a mesma, como o uso da vacina, os protocolos de saúde e etc.

Alguns jornalistas, infelizmente, contraíram/podem ter contraído o vírus ao deixarem seus lares para trazer a informação à casa de cada cidadão, como é o caso do Jornalista Marcelo Magno apresentador da TV Clube em Teresina-PI, sobre o qual



REALIZAÇÃO



APOIO



existe a suspeita de que o apresentador se contaminou ao voltar de gravação do programa jornalístico *Jornal Nacional*.

O jornalismo nessa pandemia se viu obrigado a trocar de pele ³para informar e proteger se colocando em risco em algumas situações. De acordo com uma pesquisa da *Press Emblem Campaign* (PEC) divulgada pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) mostrou que o Brasil é o país com maior número de jornalistas mortos por Covid, comprovando que informar durante esse período trouxe risco de vida para a classe jornalística.

Outra pesquisa, desta vez feita divulgada pela organização *Repórteres Sem Fronteiras*, mostrou que o Brasil caiu quatro posições no ranking mundial da Liberdade de Imprensa, o que nos faz refletir qual foi a razão dessa queda e apontar como uma alternativa os diversos ataques do governo à classe de jornalistas. Em virtude dessas pesquisas percebemos que mesmo o jornalismo no Brasil tendo importância vital, ele ainda é desvalorizado, silenciado e ainda pode ser uma profissão arriscada para aqueles que trilharam esse caminho.

No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou pandemia, pois a doença se espalhou rapidamente em vários continentes do mundo e o vírus, posteriormente, foi nomeado de Covid-19. Com base nisso, delimitamos como nosso período de análise notícias focadas na chegada das primeiras doses da vacina em Picos, a primeira semana para ser mais exata do dia 19 ao dia 26 de janeiro de 2021. Com o intuito de entender quais memórias foram construídas a partir dos conteúdos noticiados, utilizamos a ferramenta de busca dentro dos portais *RiachãoNet* e *Boletim do Sertão* e como palavras-chave a serem colocadas no mecanismo de busca: “Coronavírus”, “Doses” e “Vacina”.

Entre 19 e 26 de janeiro de 2021, o portal *RiachãoNet* publicou 02 matérias sobre a vacinação contra a Covid 19 em paralelo a ele o portal *Boletim do Sertão* publicou 02 notícias acerca da temática. Por meio do Gráfico 1, de acordo com a categoria de cada postagem, discutimos a autoria dos textos, verificando se as matérias

³ A troca de pele é comum entre animais como cobras e lagartos, ocorre para que esses animais se adaptem aos estímulos de um ambiente, assim como o jornalismo teve que se adequar à nova situação reproduzindo notícias de novas maneiras com a pandemia do novo coronavírus.



REALIZAÇÃO



APOIO



jornalísticas eram de autoria própria ou apenas a reprodução de outros veículos jornalísticos ou assessorias.

3. ANÁLISE DE DADOS

Na jornada metodológica, os procedimentos foram respaldados nas pesquisas bibliográfica e documental e a técnica de análise utilizada foi a análise de conteúdo categorizando matérias de dois portais locais: RiachaoNet e Boletim do Sertão. Até aqui, utilizamos a revisão bibliográfica para embasar a pesquisa. Tal tipo de pesquisa, de acordo com Fonseca (2002), é realizada:

[...]a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Em virtude disso, recorreremos a pesquisas já estruturadas para obtermos respostas às nossas indagações sobre o objeto de estudo.

Para Cellard (2008), o uso de documentos em pesquisa consiste em adicionar a dimensão do tempo à compreensão do social. Com isso, viabilizamos pesquisas que envolvem o processo de amadurecimento ou da evolução de indivíduos, estabelecemos novos conceitos e podemos acessar conhecimentos, comportamentos, práticas, entre outros. Para isso, nos debruçamos sobre as matérias jornalísticas, considerando-as documentos, pois nos permitem revisitar o cotidiano que está ali posto, segundo a ótica de quem escreveu, das fontes convocadas, da linha editorial e até mesmo do contexto em que aquilo foi escrito.

Ademais, Bardin (1977) define a análise de conteúdo como um agrupamento de métodos de investigação das comunicações, que se utiliza de metodologias sistemáticas e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Usufruímos desse método para inspecionar cada matéria minuciosamente dos dois veículos citados anteriormente,



REALIZAÇÃO



APOIO



como também seu efeito sobre a memória construída sobre a primeira semana de vacinação, para tanto utilizamos como técnica de análise a análise de conteúdo categorial e nossas categorias foram: Autoria das matérias jornalísticas, Fontes das matérias jornalísticas

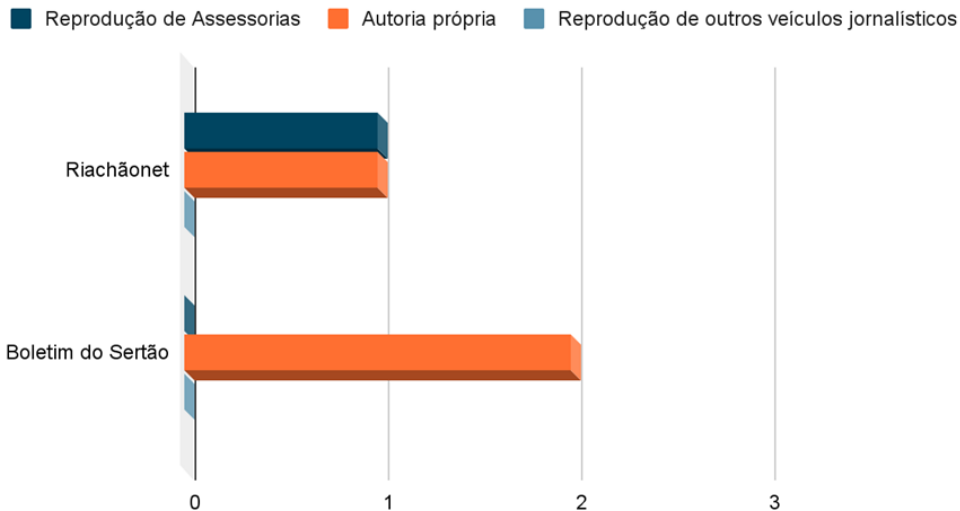
Na procura pelas matérias publicadas pelos portais estudados: RiachaoNet e Boletim do Sertão, buscamos perceber se as matérias jornalísticas publicadas nos sites sobre as primeiras doses de vacinas contra a Covid 19 eram de autoria própria ou apenas a reprodução de outros veículos jornalísticos ou assessorias.

Foram encontradas 4 publicações, no período de 19 de janeiro ao dia 26 de janeiro de 2021, escolhemos esse período por se tratar da primeira semana de vacinação contra a Covid 19 no município. A busca foi realizada por meio de palavras-chaves dentro dos portais: “Vacina”, “Doses” e “Coronavírus”.

Entre 19 e 26 de janeiro de 2021, o portal Riachão Net publicou 02 matérias sobre a vacinação contra a Covid 19 em paralelo a ele o portal Boletim do Sertão publicou 02 notícias acerca da temática. Por meio do Gráfico 1, de acordo com a categoria de cada postagem, discutimos a autoria dos textos, verificando se as matérias jornalísticas eram de autoria própria ou apenas a reprodução de outros veículos jornalísticos ou assessorias.

Gráfico 01: Autoria das matérias jornalísticas nos portais RiachãoNet e Boletim do Sertão.

Autoria de matérias



Fonte: Elaborada pelos autores para o estudo.

No portal Riachão Net apenas 2 matérias foram publicadas, 1 delas foi de autoria própria, enquanto a outra foi uma reprodução de assessoria de imprensa. Em paralelo a isto, o Boletim do Sertão publicou também o mesmo número de matérias, mas diferente do outro portal as duas foram de autoria própria. Refletindo sobre esses dados podemos nos perguntar o porquê de um número tão baixo de publicações em um período de suma importância para a população picoense que é a vacinação contra a covid-19, uma vez que se trata da forma mais eficaz de proteção contra esta doença que afetou política, economia, educação e destruiu algumas famílias. Embora não seja nossa intenção nos debruçarmos sobre o organograma destas organizações, acreditamos que a pouca quantidade de profissionais que estas redações dispõem é um fator que tensiona essa pouca quantidade de matérias e faz com que o tema tenha pouca repercussão/notoriedade e, conseqüentemente, ocupe pouco espaço na memória digital destes veículos.

Talvez essa ausência de matérias reflita a realidade picoense vivida no cotidiano, onde para acompanhar notícias sobre a cidade muitas vezes a população busca contas



REALIZAÇÃO



APOIO



de *Instagram* locais que divulgam informações sobre a cidade, na tentativa de se informar de alguma maneira.

Outra questão sobre a qual está pouca quantidade de matérias jornalísticas incide é a forma com que a memória coletiva da população está sendo construída, já que não há tantas matérias contendo informações sobre a Covid direcionadas à cidade de Picos, no referido período, e entre as poucas que encontramos está a reprodução de matéria feita por assessoria de imprensa, como é o caso da matéria do RiachaoNet. O efeito disso é construir a memória a partir de uma visão que muitas vezes não condiz com a realidade ou está pautada apenas em uma memória organizacional, pois bem sabemos que a assessoria ainda tem como seu maior objetivo “proteger” a imagem de seu assessorado produzindo matérias benéficas para sua imagem. (RIBEIRO, 2015)

Nos textos que são replicados de assessorias de imprensa, o que fica na memória do povo picoense é a fonte oficial, são as palavras de pessoas em cargos municipais e não dos cidadãos que residem no município. Isso incide na sensação de pertencimento que deve ser estimulada pelo jornalismo local. De acordo com o manual do Foca, este é um recurso que tende a trazer o caráter de proximidade para a matéria jornalística, as pessoas gostam de se ver no conteúdo jornalístico, sentir que aquele tema está correlacionado com sua realidade. Além disso, acreditamos que se as matérias fossem produzidas pelos portais locais poderiam ser ouvidos os próprios cidadãos colocando seus anseios pela vacinação, suas dúvidas adicionando uma nova ótica para essas matérias.

O grande problema da ausência de matérias sobre a temática é a importância que a mesma possui e que por mais que possam haver motivos para os jornalistas responsáveis não publicarem acerca das doses em si, poderiam ter escrito matérias de assuntos relacionados, como explicar a importância da vacinação, como as vacinas agem no organismo humano, quais os requisitos a cumprir para a vacinação e etc, e nenhum desses assuntos foi retratado nessa primeira semana. Percebemos que estes temas que levariam o jornalismo a, de fato, cumprir sua responsabilidade social foram esquecidos por esses veículos, pois de acordo com o francês, Paul Ricouer (1995) a



REALIZAÇÃO



APOIO



memória é pragmática, ou seja, ela deve ser exercida. Assim, os portais não devem apenas lembrar de suas responsabilidades sociais, mas fazer alguma coisa em relação às mesmas.

Partindo para a análise das matérias autorais do Boletim do Sertão podemos fazer uma reflexão parecida com que a que fizemos dos textos que eram reprodução de assessoria, já que uma das matérias ouve apenas o diretor do hospital regional da cidade, Tércio Luz, e o próprio portal reconhece que algumas informações que circulam sobre a ocupação de leitos é falsa, quando autor da matéria diz *“Contudo, os leitos do hospital para o tratamento da Síndrome Respiratória não estão todos ocupados, como se divulgou pelas redes sociais”* (Boletim do Sertão, 20 de janeiro de 2021).

Então, podemos citar essa fala como exemplo de como os picoenses carecem de informações sobre a saúde local. Seria interessante para o autor da matéria ter se aprofundado nessa questão e além dessa única fonte o mesmo tivesse procurado a própria população para falar sobre como está sendo a pandemia para que eles e os próprios picoenses tivessem a oportunidade de ter voz e falar da sua realidade. Com isso teríamos a oportunidade de ter mais vozes contribuindo com o que Halbwachs (1990) chamou de memória coletiva.

Outro ponto a ser mencionado é que ambos os portais possuem uma atuação semelhante e isso faz com que eles construam memórias de modo semelhante. Podemos perceber a seguir que as matérias de ambos trazem a primeira enfermeira vacinada e com a fala da mesma trazem imagens registrando o momento.

Seria esse tipo de matéria, com pluralidade de vozes que a população deveria ter sempre à disposição. Pessoas comuns, com falas reais, trazendo os seus sentimentos sobre os acontecidos promovendo além de identificação uma memória afetiva. A lembrança precisa de um vínculo afetivo, o qual se dá mediante um convívio social que as pessoas criam com outras pessoas ou grupos sociais (HALBWACHS, 1990). Então, se eu vejo alguém que eu conheço, ou uma pessoa da minha cidade em uma matéria, será mais fácil minha memória ser acionada a partir desse vínculo.

Precisamos entender os motivos para que não haja esse tipo de matéria. A falta de estrutura por exemplo dos portais pode ser um motivo já que podemos perceber que apenas um jornalista aparece como autor das matérias do Boletim do Sertão. Consideramos que pode não haver uma equipe que consiga abranger todo o conteúdo da cidade, assim gerando um número baixo de publicações e, conseqüentemente, memórias mais restritas sobre o período.

Outro motivo pode ser que os portais se voltaram para outra temática nesse período, pois mesmo não conseguindo trazer informações sobre a chegada das doses, ou da própria vacinação em si, poderiam ter trabalhado essa temática ao longo da semana de outro modo, mas ao invés disso não há mais publicações na área da saúde nesse período, talvez se voltaram para os impactos da pandemia e não na vacinação em si por considerarem a temática menos urgente no momento.

No que se refere às fontes utilizadas nas matérias produzidas pelos portais RiachaoNet e Boletim do Sertão, buscamos entender quais foram as fontes convocadas para compor o imaginário simbólico coletivo da vacinação contra a Covid 19, em Picos. Desse modo, listamos, por meio da Tabela 1, as matérias e as fontes utilizadas para falar sobre o assunto e, conseqüentemente, fazer parte das memórias sobre o período.

Tabela 01: Fontes das matérias jornalísticas nos portais RiachaoNet e Boletim do Sertão.

Portal estudado	Data	Título da matéria	Fonte escolhida
Boletim do Sertão	20/01/21	Diretor do Hospital Regional informa que Picos já vive segunda onda do coronavírus e a transmissão é mais rápida.	Diretor técnico do Hospital Regional Justino Luz de Picos (HRJL), o médico Tércio Luz.
RiachaoNet	21/01/21	Picos inicia vacinação contra Covid-19.	Sery Neely, primeira enfermeira a ser vacinada.
Boletim do Sertão	21/01/21	Secretaria de Saúde de Picos vacina primeiras pessoas contra o coronavírus.	Sery Neely, primeira enfermeira a ser vacinada.
RiachaoNet	26/01/21	Governo do Piauí lança vacinômetro para acompanhar a vacinação no Estado.	Secretário de Saúde do Estado do Piauí Florentino Neto.



REALIZAÇÃO



APOIO



Nos primeiros dois dias de estudo, percebemos que nenhum dos portais publicou matérias com a temática vacinação, nem sobre a chegada de doses das vacinas. Isso já é algo que precisamos problematizar, pois como já havia citado poderiam ter escrito matérias que trabalhassem a temática mesmo não sendo sobre a chegada de doses em si.

As matérias publicadas no dia 21 de janeiro de 2021, nos sites RiachaoNet e Boletim do Sertão voltam-se para a mesma temática: a vacinação da primeira enfermeira na cidade de Picos e como fonte utilizam a mesma, Seery Neely. Portanto, podemos perceber que houve a preocupação em ouvir a própria vacinada e não apenas uma figura de autoridade da saúde ou a própria secretária municipal. Analisando as duas matérias percebemos que os portais tratam o acontecimento, em alguns pontos da narrativa, de forma diferente.

O Boletim do Sertão cita o motorista de ambulância do Hospital Regional Justino Luz (HRJL), como um dos primeiros vacinados e não traz sua fala como trouxe a da enfermeira. Seria interessante para o leitor da matéria que o motorista citado tivesse alguma fala já que a sua imagem e seu nome é vinculado à mesma. Como diz Le Goff (1990), as sociedades de memória oral transformam-se por meio da comemoração, por meio de um monumento comemorativo ou um acontecimento memorável, então podemos considerar a fala da primeira enfermeira vacinada, Seery Neely, como uma memória oral que foi transcrita e, posteriormente, podemos considerá-la como uma “senhora de memória”, como já dizia Le Goff (2003) já que a mesma transformou uma memória oral em uma memória escrita através do jornalismo e essa fala foi transmitida à população.

O portal RiachaoNet em sua segunda matéria traz como fonte escolhida para dar esta notoriedade o secretário de Saúde do Estado do Piauí, Florentino Neto. A publicação acaba omitindo as vozes locais, suas vivências e memórias sobre o período. Trazer uma reprodução de assessoria pode até ser visto como algo que traz apenas uma visão unilateral, institucionalizada e que pode estar distante das demandas locais.

De acordo com Palacios (2010), os arquivos para o acionamento da memória fazem-se não somente acessíveis e fáceis de se pesquisar, mas tornam-se múltiplos.



REALIZAÇÃO



APOIO



Com isso podemos enxergar esse caráter múltiplo durante o mapeamento das notícias, já que tanto o portal Riachão Net quanto o Boletim do Sertão arquivam suas matérias por ordem cronológica, mas possuem poucas matérias publicadas acerca da temática dificultando a pesquisa e o mapeamento, ademais por ainda trazer reproduções de assessoria, não ouvindo vozes locais sobre o tema.

04. Considerações finais

Diante das discussões ora apresentadas, observamos que os portais atuam de formas distintas, mas conversam entre si. Percebemos isso pela temática de matérias e as datas que as mesmas têm em comum. A sua distinção seria a maneira em que apresentam a informação já que nessas matérias que citamos acima o Boletim do Sertão cita além da enfermeira um motorista de ambulância também vacinado. Entendemos que a construção da memória coletiva da população picoense em relação às primeiras doses de vacina foi construída de forma bastante lacunar, se considerarmos a responsabilidade social do jornalismo envolvendo o tema.

Além disso, a memória foi construída também baseada em uma visão organizacional, já que constatamos que um dos portais teve como autor de uma matéria a reprodução de assessoria. Com isso, a população teve somente acesso a uma parte da memória do período, pois não foram ouvidas, neste caso, fontes locais sobre o assunto.

Devemos ressaltar também que, na maioria das matérias, as fontes usadas não foram a população ou os próprios vacinados como foi o caso do motorista que não foi ouvido, mas uma figura de autoridade na área da saúde que é o caso do diretor do hospital regional de Picos, Tércio Luz e do secretário estadual de saúde, Florentino Neto. Acreditamos que as publicações não deveriam omitir a fala de um cidadão local, ambas as vozes poderiam se complementar e as vozes locais em todas as matérias analisadas poderiam trazer um outro lado não explorado pelos portais.

Ademais, é questionável a pouca quantidade de matérias encontradas no período estudado, dada as circunstâncias do período de pandemia e do significado da vacinação para a população. A vacina é a melhor “arma” na luta contra a covid-19 e o



REALIZAÇÃO



APOIO



município muito sofreu em consequência da doença. Podemos tecer através do texto algumas alternativas para tentar justificar o baixo número de publicações, tais como o reduzido número de profissionais nas equipes, mesmo que esse não fosse nosso objetivo. Ainda sim é importante salientar esse fato já que a ausência também possui um significado para nós pesquisadores.

Em suma, concluímos que não houve um aprofundamento do tema nos dois portais. Por serem portais locais, deveriam se posicionar produzindo um conteúdo contínuo e educativo para a população, já que matérias jornalísticas também educam e através disso ter construído uma memória que envolvesse os próprios cidadãos e não se utilizar de reproduções de assessorias como fontes. Deveria haver uma preocupação genuína com a informação local, uma vez que a vacinação contra a Covid-19 é uma temática que impacta, diretamente, a saúde e a vida das pessoas que não são informadas acerca da vacinação, negando além do direito à informação o direito à vida.

Referências bibliográficas

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

COUTINHO, Eduardo. **Gramsci**: a comunicação como política. In: COUTINHO, Eduardo; FREIRE FILHO, João; PAIVA, Raquel. *Mídia e poder: ideologia, discurso e subjetividade* (Orgs). Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

FERREIRA, Mayara Sousa. **Memórias da cultura**: estratégias e táticas de Revestrés na (re)construção das identidades piauienses. Tese (Mestrado em Comunicação) - Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal do Piauí. Teresina, p. 209. 2016.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

KOVACH, Bill e Rosenstiel, Tom. *Os Elementos do Jornalismo – O que os jornalistas devem saber e o público exigir*. São Paulo, Geração, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5.ed. Campinas: UNICAMP, 2003.

NORA, Pierre et al. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 10, 1993.

PALACIOS, Marcos. *Convergência e memória: jornalismo, contexto e história*. *Matrizes* Ano 4 –Nº 1 jul./dez. 2010 -São Paulo -Brasil. p. 37-50.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. *Revista de estudos históricos*, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.



REALIZAÇÃO



APOIO



RIBEIRO, Vasco et al. **A assessoria de imprensa e as redes sociais:** Estudo de caso sobre as mudanças no relacionamento fonte-jornalista e o processo de produção do press release. *Comunicação Pública*, v. 10, n. 19, 2015.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p. 71.